

# A ORTIGA

Crítica e Humorismo : Artes e Literatura : Desporto : Etc.

I Ano ..... N.º 6  
: Guimarães, 31 de Janeiro de 1926 :

Director e Editor :  
Salvador Dantas.  
Colaborador artístico : Domingos Dantas.

: Publicação quinzenal :  
Comp. e imp. na Tipografia Minerva Vimaranesse.

## “Ortiga”

Com o presente número termina o primeiro trimestre de «A Ortiga» e suspende-se temporariamente a sua publicação. Reaparecerá, porém, brevemente, talvez sob forma de Revista mensal, com orientação um pouco diferente, e inserindo mais variadas secções, que julgamos hão-de agradar aos nossos assinantes amigos.

Isto resolvemos porque, nesta pequena carreira de 3 meses, se algumas pessoas houve que compreenderam os intuitos do nosso jornal, outras deram provas flagrantes do contrário.

Enquanto que certas criaturas se mostravam desgostosas por «A Ortiga» não ter saído a latrina, nem o côscovilheiro da vida alheia, que elas esperavam vir a ser este jornalzinho: outras houve que, não sabemos porque motivo, a cada passo se acharam ofendidas com bocadinhos de prosa que não passavam de fantasias humorísticas, de retalhos de espírito bem humorado, e com isso só vieram mostrar ter culpas no cartório, ou apenas provaram, por si próprios, a sua triste ignorância.

Para as primeiras vai a nossa comiseração; porque essa pobre gente, por mais que se tente elevar, sempre há-de pender para o charco, sempre há-de chafurdar no monturo. As segundas, nem a nossa piedade merecem; porque elas, em sua ignorância, é que são as mais felizes: a elas, enfim, é que pertence o *reino dos céus!*...

E, com isto, terminamos por pedir muitas desculpas aos nossos prezados leitores e amigos por esta temporária suspensão, na certeza,

porém, de que ela não será demasiadamente longa.

Ninguém perderá com a demora.

Todos os Srs. Assinantes de «A Ortiga», a quem falte algum n.º nas suas colecções, devem reclamá-lo gratuitamente a esta redacção.

A todos aqueles que ainda não pagaram as suas assinaturas trimestrais, rogamos o obséquio de o fazerem logo que lhes seja apresentado o recibo, afim de se pouparem as solas das pantufas do cobrador.

Aos Srs. Assinantes de fora da cidade pedimos o favor de se não esquecerem de nós, porque nós também não nos esqueceremos deles.

A nova «Ortiga» será distribuída gratuitamente por todos aqueles que só gostem de a ler... à *borliu*.

## Indecentes e más-figuras!

Dois caixeiritos (se caixeiritos se pode chamar a dois badamecos com o nariz furado como os porcos), querendo mostrar o seu espírito de alcouce, foram na penúltima quinta feira assistir a um espectáculo, no Teatro D. Afonso Henriques, e, durante a representação, não fizeram outra coisa senão dizer asneiras e relinchar, no que foram imitados por alguns colegas.

Lá que eles fôssem indecentes, mas diante de criaturas iguais, ainda vá, que não vá! .. Mas chegaram ao desafôro de propalarem as sandices à beira de mulheres, essa é que nós lhe não podemos levar a bem...

Fortes cavalgadas!...

## Sociedade

que entre si constituem quatro indivíduos sem escrúpulos, sob a firma de **Marinho, Cordão e Chagas & C.ª**

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de tantos de tal, lavrada no cartório do notário «Palhas», se constituiu, entre quatro indivíduos sem escrúpulos, uma sociedade-quadrilha, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a denominação de **Marinho, Cordão e Chagas & C.ª**, e fica com a sede e estabelecimento nas retretes da praça do mercado.

2.º Esta sociedade tem por fim o apoderar-se do dinheiro que um benfeitor residente no Brasil deixou ficar aos pobres, por intermédio da V. O. T. de S. Francisco, e que estará muito melhor no fundo das nossas algibeiras famintas.

3.º A sua duração é pelo tempo que fôr necessário para o *caróço* cantar cá no papo.

4.º O capital social é o dos bens do Irmandade do Cordão e Chagas, e de toda a nossa vigarice, e gatunice, e pouca vergonha, etc., etc.

5.º Os lucros líquidos serão divididos em partes iguais pelos quatro larápios, que compõem a sociedade; a não ser que o primeiro dos sócios, que foi o da lembrança (e por isso mesmo fica sendo o capitão da quadrilha) queira abotoar-se com o bolo maior.

§ único. O que nós não lhe levaremos a mal, por reconhecermos ser êle, de todos os colegas, o gatuno mais graduado.

6.º Nas percas nem é preciso falar, porque é tanta a nossa ganância e canalhice, e tanto o poder do Olho Vivo, do qual somos os mais fiéis sicários, que só um milagre é que poderá fazer com que nos corram mal os negócios.

§ único. Mas, se tal acontecer, o nosso remédio é espetarmos com as



bentas dentro de um penico, e nunca mais saírmos à rua.

7.º Dissolvida então, de comum acôrdo, esta nossa *humanitária* sociedade, ingressaremos na do Redondo, por ser a de lucros mais positivos.

8.º Os casos omissos na presente escritura, regular-se-hão pelo código da Roubalheira Descarada e mais legislação applicável a pactos desta natureza.

### Campeões de... geografia.

Conversa surpreendida numa sala de bilhares, entre dois conhecidos «sportmen», a propósito do encontro de «foot-ball» Portugal-Tchecoslovaquia:

— A Tchecoslovaquia fica situada entre a França e a Bélgica...

— Não senhor, seu burro! A Tchecoslovaquia é uma cidade belga!...

Decerto já ouviram dizer que andou cá, na semana passada, o homem da sôga. Não o conhecem? E' o chinês, o Hong-Fong, o do cheque. O tal que se queria meter sócio; mas o caso saiu-lhe bicudo, assim como ao da capa preta.

O enigma é fácil de decifrar, falando-se em homem da sôga.

### Um genial pintor.

«Um loiro Patavinini que nascera debaixo do azul céu de Itália notabilizou-o a pintura na terra que lhe deu o berço.

Viajou. Ao cabo de muitas excursões de *touriste* adoeceu duma incurável anemia artística que o obrigou a procurar pão e trabalho onde os pacóvios não se precavesssem contra os resultados fatais da sua enfermidade, o que lhe não foi difficil encontrar.

Uma vez ali trombeteou aos quatro ventos quantas menções honrosas, diplomas, *grand prix* lhe foram conferidos, e os inúmeros pedidos que se lhe faziam desde terras longínquas, como da capital de tôdas as Rússias europeias e asiáticas; emfim obras de vulto como por exemplo um *fresco* para um dos harens do sultão da Turquia.

Cabelo às ondas, barba à guise, luneta, boa luva, bem posto, todo êle um revolver de palavriado, visitou um dia (certo domingo de tarde) o velho convento de não sei que ordem, existente nas cercanias de B., farto museu de antiguidades artísticas, e possuidor duma colleção de quadros bíblicos, que fazia boqueabertos os *contadini* frequentadores da sua vasta igreja.

O superior, amante das belas artes, de há muito que procurava ensejo de restaurar aquelas telas que o tempo quasi apagara; e comunicou esta sua tenção ao gentil visitante sr. Patavinini, que immediatamente ofereceu os seus conhecimentos e actividade artística para a aludida reparação.

O superior, homem simples e bom, nem quis saber de ajuste algum, coisa em que aliás o nosso Apeles não tocara.

Efectivamente Patavinini instalou-se no



— Furei 4 câmaras d'ar... mas ganhei!

*Com os teus modos gentis só conquistas simpatias. Quintino, és mais feliz do que o falado Messias!*

*Co'a tua chanca elegante, chamas, de todos, a atenção. E's o modelo galante que há na nova geração.*

*Rapaz todo delicado, Quintino, tu tens bom gosto: E's o ídolo sonhado das ninfas... lá no seu posto.*

BELGATOUR.

convento onde empregou o mais tempo possível nos preparativos, trabalhos e epilogo da obra à qual durante longos meses dedicou corajosamente o tempo que lhe ficava livre dos muitos passeios, conversas, repouso, diversões. E até dizem que tinha certas devoções a que não lhe custou pouco a acostumar-se, dando ao depois uns ares de pintor místico que êle mesmo apreciava. Durante o belo *soggiorno*, está claro que comia à custa dos simples e bons frades, admirados das maravilhas que pululavam de sob aqueles delicadíssimos pincéis do sr. Patavinini, admiração esta que levou um dêles a pedir-lhe alguns esclarecimentos sobre pintura para de futuro poder habilitar-se a algum reparo em quadros de menos valor artístico.

O nosso Apeles não cedeu a tam lisongeiro convite por motivos que houve por bem occultar.

Pouco depois notou que a sua presença e demora na conclusão dos quadros se tornara objecto de azêdas discussões entre os frades; o que teve como consequência precipitar-se o acabamento da obra, e a urgência de sair, tomando o pretexto dum trabalho a êle confiado numa terra distante. Comunicou ao superior que dava por concluído o seu trabalho, cujo preço era de 2:354 liras.

Foi estranhada a inesperada pressa de Patavinini e muito mais a grande quantia exigida

pela obra feita; e em conferência dos padres graves se resolveu pedir o relatório das despesas e trabalhos levados a cabo pelo artista.

Anuiu facilmente o mestre, e em breves horas (que êle já sentia queimar-lhe o fogo os pés) apresentou o seguinte relatório:

«Falemi Patavinini, sócio da Academia de Belas Artes de E., sócio correspondente de várias sociedades de sciências e letras, premiado em várias exposições artísticas, levou a efeito os seguintes trabalhos de reparação nos quadros da igreja de P., cuja importância permenorisada é a seguinte:

2 tábuas novas para 10 mandamentos . . . . .	3 liras
1 cauda nova no cão de Tobias . . . . .	1 lira
4 dentes novos em Sara, mulher de Abraão . . . . .	10 liras
Endireitar as orelhas da burra de Balaão . . . . .	grátis
Dourar uma asa de S. Gabriel . . . . .	2 liras
Lavar a camisa ao filho pródigo . . . . .	grátis
Uma prôa na arca de Noé . . . . .	100 liras
Escotilhas, idem, idem . . . . .	20 liras
1 baixela de prata para o rico avarento . . . . .	1050 liras
Fazer duas vezes a barba a S. João Evangelista . . . . .	grátis
Cavar a vinha de Naboth . . . . .	15 liras
Uma empada, idem . . . . .	4 liras
1 crista para o galo de S. Pedro . . . . .	1 lira
18 colunas no templo de Salomão . . . . .	510 liras
6 moedas a um fariseu . . . . .	6 liras
1 berço para S. João Baptista . . . . .	2 liras
Agua para o dilúvio . . . . .	553 liras
1 bateria para o Castelo de Emaús . . . . .	50 liras
2 baldes para o poço de Jacob . . . . .	grátis
1 cama de ferro para o paralítico . . . . .	6 liras
1 chaminé para a casa de Marta . . . . .	4 liras
1 mula e arreios para Nossa Senhora fugir para o Egipto . . . . .	10 liras
Barca e redes para S. Pedro . . . . .	15 liras
1 afinação na harpa de David e collocação de duas cordas . . . . .	5 liras
Soma total . . . . .	2354 liras

Não reza a crônica de onde extráio esta verídica história, se o sr. Patavinini logrou ou não a importância do seu grande trabalho, fruto de sua incomparável actividade, estudo e erudição. Mãos de curiosos arrancaram algumas preciosas fôlhas, deixando a capa unicamente, onde uma gravura representativa duma reunião de frades revela, pelo assunto que Patavinini se viu na necessidade de tocar tambor com os pés, onde as costas perdem o seu agusto nome, em vista da attitude pouco gentil dos frades, um dos quais, evidentemente o superior, homem simples e bom, tem os braços numa posição forçada e violenta, vendo-se desenhado no espaço um instrumento grandioso muito análogo ao nosso popular fueiro cuja ponta procura o centro de gravidade no lombo do fugitivo artista. Em volta do cometa vários corpos celestes, muito parecidos ao calhau, seguem a mesma direcção; esta scena é acompanhada dos olhares iracundos de tôda a veneranda Comunidade.

Que seria feito de Patavinini?...

### Á ÚLTIMA HORA

**A redacção de A ORTIGA resolveu publicar mais um número, que será dedicado aos caloteiros.**

Num hospital de doidos.

O director a um visitante:

— Aquele que ali está tem uma mania singular; julga que o govêrno lhe quer tirar todo o dinheiro que possui.

— Pois, sr. doutor, não me parece tão tolo como diz.



## Silêncio, Coração!

a Domingos Ribeiro

Silêncio, Coração! Sossega, louquinho! Bates em tropel a cavalgada do Sonho: e não vês e não raciocinas que o Sonho é embriaguês de que se desperta — se se desperta! — cambaleando na insensibilidade do morfina-do... O relicário do peito abala-se do teu desordenado palpitar... Devagar, louquinho! Não sabes para onde vais nem o que queres... Viveste o minuto fugaz do amor, e apaixonaste-te e extasiaste-te ante o colear da serpente enganosa: e sobressaltas-te, agora, se ela acaso passa, e segues ainda seus passos, como que a murmurar-lhe que ainda te lembrás, eternamente te lembrás, dela, o ídolo traidor...

Louco! Ris, e sofres do teu riso: acorreste à romaria, viveste a feérica vida do arraial — bonecos de fogo e bonecos animados, palhaços e saltimbancos, rameiras e mendigos — e entraste no circo, riste do riso do arlequim, e aplaudiste-o, para depois, cá fóra, abomináres a sua vida imoral, o seu riso forçado pela necessidade cruel de divertir a besta — a besta humana que só o aplaude se a fizer alargar até aos condilos a escura caverna da boca, não reparando, sequer, no seu olhar doente, nas máguas que o oprimem, que o afligem a éle, o arlequim, e que recalca bem no íntimo da sua alma, simulando com vermelhão a palidez do rosto contrafeito...

Louco! Subiste ao mais alto da colina para ver despontar o dia e o sol elevar-se triunfante do seu leito de alvura: e deslumbreste-te ante essa banalidade suprema que há séculos se repete, para, volvidas horas, te entristeceres, vendo o dia findar e o sol sumir-se no ocaso em agónico desmaio...

Louco! Saboreaste da árvore a sombra amiga: e deliciaste-te na acalmia de sua espessa fronde, para depois, vendo-a esgalhada, espavorida, dela fugires, desdenhando...

Louco! Tiveste despeito de as borboletas sugarem o néctar às flores: e arrancaste-as da haste, e deixaste-as

mirrarem-se, depois de lhe haveres roubado o perfume...

Louco! Enamoraste-te do luar: e o luar perdeu-te, deixando-te doente da serenata e da magia feiticeira dos idílios com cantos de rouxinóis ao desafio...

Louco! Contemplaste as estrélas: e no céu brilha rútila apenas uma que segues agora noite e dia, sempre no eterno anseio da felicidade inalcançável...

Silêncio, Coração! Sossega, louquinho! Bates em tropel a cavalgada do Sonho: e não vês e não raciocinas que o Sonho é embriaguês de que se desperta — se se desperta! — cambaleando na insensibilidade do morfina-do!...

1926.

ALBERTO DE MACEDO.

## : Soneto :

a Alberto de Macedo  
dedica o autor.

Quando te vi partir fiquei seismando na tua ausência amarga, dolorosa... Partida bem cruel, que só chorando se contenta minh'alma ferrososa.

Por quanto tempo? Que misteriosa viagem vais fazer, meu amor, quando as nossas almas em religiosa oração bem sentida iam cantando!?

É tu partiste indiferente à Dôr que é minha irmã e minha companheira nas horas d'infortúnio e d'amargor...

Regressa breve, pomba e mensageira. Traz ao meu peito a paz do teu Amor, fecha meus olhos na hora derradeira.

Guimarães, 31-5-922.

Domingos Ribeiro.

Na página literária do número anterior passaram algumas erratas, do que pedimos desculpa aos autores dos artigos gahçados.

## Cartas a uma Mulher

VI

Maria Alcina:

Criaturas que não sabem qual é a sua mão direita, ou que não têm a cabeça no seu lugar, entretem-se a fazer a crítica destas cartas como se lhes sobrasse razão bastante para isso ou que tivessem procuração para a fazer, dizendo que as minhas cartas para si, Maria Alcina, não são mais do que um insulto digno de correcção, porque não são coisas que se digam ou escrevam... Infelizes criaturinhas, essas, acrescento eu, que não sabem distinguir a verdade da mentira, nem o belo do horrendo, numa ignorância que faz pena e causa piedade!

Pobres figurinhas, essas, que passam, sorrindo esperançosas num casamento feliz ou nalgum amante de automóvel ou tipoia, como se canta agora em revista de viela, todos os dias, a uma hora certa, espreitando as esquinas dos quatro cantos do Tournal, como quem espera ver surgir de algum deles a ventura na pessoa de qualquer conquistador enamorado das meninas da modista daquele lugar — essas mesmas figurinhas que, metendo-me de permeio no seu trabalho de costureiras de cuecas, aproveitam a ocasião de me picarem com a agulha das suas línguas ponteagudas, senhoras de si, já habituadas à maledicência dos ateliers, numa audácia que arripia, como se estas cartas as interessassem — cartas simples, inocentes, que uma pena de seis vintens é capaz de fazer.

Dito isto, nada mais tenho a acrescentar, apenas lamentando o que acaba de se dar; e a minha consciência, tranquila como sempre, não ficaria satisfeita se não dissesse o que sentia àquelas distintas e elegantes costureiras. Creio bem que a Maria Alcina será, como eu, a condená-las, reprovando-lhes a atitude discutindo-a num assunto quási íntimo. Mas estas considerações já vão longas, e as cartas não se destinaram para réplicas estranhas.

Não se zangue, Maria Alcina. Reato o fio perdido pelo motivo que sabe. A verdade é uma, e Você, se bem a compreender, reconhecerá que vale mais a franqueza dura e clara das palavras, cheias de justiça, do que lindas frases cheias de embustice daqueles que andam enganando as mulheres com a peçonha envenenadora das suas palavras agri-doces... E', infelizmente, uma grande verdade, tam flagrante como o destino, toda a mulher se deixar arrastar seduzida por meias palavras a que ela chama amor, mas que, no fundo, não sente, porque não passa de um affecto desconhecido, efémero, passageiro, mas que a atormenta, noite e dia, sem fór-



ças para se dominar, sem uma carícia ou uma palavra amiga que lhe diga, despertando-a para a realidade dos acontecimentos: — Basta, louca! O amor que tu dizes sentir não é bem esse... O que te prende, acabrunha e te traz assim pensativa, é o vácuo feito à roda da tua alma e dos teus sonhos. A tua volta anda a mentira e aquilo a que tu chamas amor é só interesse — um interesse que te procura matar no coração todos os verdadeiros affectos, fazendo-te esquecer de que és uma mulher para cantar e ser alegre!

María Alcina: Queria fazer de si uma mulher forte com uma alma sã capaz de ser a mais perfeita das mulheres. Não sei se as minhas cartas lhe têm aproveitado, mas quero crêr que em alguma coisa foram úteis, ensinando-a a pôr-se no seu lugar que compete à mulher. A vida de uma mulher não lhe pertence. Dela tem de dar metade ao homem, como este se não pertence a si, mas sim à esposa e aos filhos.

A vida humana é um drama sempre novo, impressionante, porque tem a embelezá-lo novos quadros de sofrimento íntimo — eterno como a dor... Li algures que a vida é uma comédia que se representa com mais ou menos arte, com mais ou menos engenho, mas sempre com as mesmas scenas, com os mesmos quadros, com os mesmos personagens! Encarar a vida pelo lado da farsa, é insultar a obra de Deus, é lançá-la na vala comum da miséria humana... Há, na verdade, criaturas que fazem da Vida o mesmo que uma criada de cozinha faz dum esfregão imundo: deita-a fóra pelas janelas da indiferença, sem a mais leve sombra de responsabilidade para com os pais — a maior e a mais dura das responsabilidades.

Saber gozar a vida, cantá-la, ou chorá-la, sentidamente, nas suas horas mais amargas, é compreendê-la, é interpretá-la em todos os seus aspectos e manifestações, pois não há drama, por mais doloroso e triste que se apresente a nossos olhos, que não tenha a ferir-lo um gesto, uma frase que não nos faça assomar aos lábios um riso ligeiro, impregnado de horror ou de raiva, que a realidade desfaz sem a mais pequena perturbação. Podemos modificar o carácter, para melhor ou peor, mas não podemos alterar a existência, porque ela é inalterável e absoluta. Engano nos redondamente julgando fazer alterações à vida pois nada há que a faça desviar do seu caminho; e se o indivíduo diz abertamente que a sua vida é outra, mente a si mesmo. Não foi ela que se modificou: foi o seu carácter, foi o seu espírito, foi a sua vontade. A natureza dá corpo e alma às coisas. A mulher dá alma e vida ao homem e ao lar como os campos o pão e o vinho para as bocas famintas.

Termino, María Alcina, na certeza de que lhe abri o caminho para que o

## Um feixe de anedotas

(sem ofensa).

A mulher para o marido que está fazendo os convites para um jantar.

— Não te esqueças de convidar o Mãe-olh'ela. E' tão feio, tão feio, que tira aos outros a vontade de comer.

\*

Albano conta numa roda de amigos:

— A bala passou-me mesmo por cima da cabeça. Se calha de ir um bocadinho mais por baixo, os senhores estavam agora a conversar com um cadáver.

\*

Belindrinho conta aos amigos, exultantes, os predicados da sua futura esposa.

Como viesse à baila a questão de enxovais, Belindrinho grita:

— Ah! que deslumbramento! Não imaginam! Que bom gosto! A roupa branca da minha noiva é de sêda preta.

\*

Um Vasquinho pergunta a um rapaz a quem encontra no bosque:

— Viste passar uma lebre?

— Sim, senhor.

— Há quanto tempo?

— Há por 'i uns três anos...

\*

Sousa entra numa loja de barbeiro, senta-se e diz:

— Corte-me o cabelo.

E em seguida acrescenta:

— Mas com a breca! que frio que está. Posso ficar com o chapéu na cabeça?

## Um sensacional desafio de foot-ball.

Consta-nos que no próximo domingo se realizará um importante «match» de foot-ball entre dois grupos constituídos por solteiros e casados, sendo arbitrado por um viúvo.

Também nos consta que o producto se destina às casas de caridade.

\*

Do Grupo dos solteiros faz parte a grandê parêlha de backs internacionais Zeca e Maneca Cosme.

seu futuro se não perca pelas tortuosas veredas do acaso. Que o interesse seu seja moral e perfeito, mais do que o interesse vil das almas abstractas à vida real, pequeninas de sentimento, pobres infelizes de amor e de emoção. Pelo nosso proceder é que se avaliam as almas e as inteligências, e só as mulheres sabem como se conquista a felicidade — amando pelo coração!

JORGE DE AZURÉM.

## O sonho de um Maluco

Visões do Ano:

— Os passeios da Avenida vão ser classificados de retretes, devido à muita semelhança que os ditos têm com aquelas.

— Um burro pregará uma rodada de couces em outro que disse ser «A Ortiga» o órgão da maledicência vimaranesse.

— As orelhas do se Guimarães vão crescer mais dois palmos, para dar a letra com a carêta. O mesmo encômendará uma jaqueta no Pavão, para estrear no dia de Páscoa.

— Um percevejo vai ser atropelado por um eléctrico, na praça 13 de Fevereiro.

— O elevador da Penha vai ser despedido do cargo, porque nas horas do serviço o foram topar na Piedade a engavetar meio charéu de vinho tinto.

— Pelo mesmo motivo vai ser despedido todo o pessoal dos telefones.

— O Narciso vai passar a tomar as suas peelas mais de longe a longe, porque diz êle que as pedras das ruas são enganadoras com'ó raio.

— A um papo-sêco cá da terra vai crescer um pouco mais o respeitável presunto que lhe serve de nariz; motivo êste porque logo será nomeado trabalhador de picareta das obras municipais.

— Uma criatura vai dar um boléu, mas não quebrará o tacho.

— Muita gente, na sua boa-fé, ha-de julgar que está a beber vinho, e afinal é... é água de N. S. de Lourdes e pözinhos de perlim-pim-pim.

— Haverá um espectáculo surpreendente no Teatro D. Afonso Henriques, e, no final, um grupo de babosos oferecerá a primeira estrêla da companhia um objecto artístico.

— Chegará ao rio do Campo da Feira um vapor carregado de cisnes e parreiros, que se destinam aos vários lagos azuis que há pelas ruas da cidade.

— Uma mulher resorvida esperará, à porta do café, um mancebo muito comprido, e pregar-lhe-há duas galhetas à falsa-fé.

— Na praça 13 de Fevereiro será inaugurado solenemente um Coliseu de Recreios, com bailarínas, e jôgo de rapa para os Habitúes.

— Atendendo a que há cá na parvónia uma menina muito engraxada, mas que não tem mesmo piadinha nenhuma; e atendendo a que a mesma tem mas é uma fisolostria que parece um holofote, e uns olhinhos que dão mesmo a ideia de dois luzincos cravados à sovela: a dita pesquena dá esperanças de ainda vir a ser requisitada para candieiro das esquinas, factô êste pelo que daqui lhe enviamos os nossos sinceros parabens.